

“Le Matin” critica países credores

Fritz Utzeri

Correspondente

Paris — “O Brasil convida-se à reunião dos sete”. Com esse título no alto de sua primeira página, o jornal **Le Matin**, de tendência socialista, criticou ontem em editorial a política dos países credores chegando a observar que “seria bom resolver a admitir uma verdade: boa parte da dívida do Terceiro Mundo não será reembolsada jamais. Por que continuar fingindo que sim?”

O jornal deixa claro que a solução da crise não depende dos bancos, “empresas privadas destinadas a dar lucros e que não podem ser forçados a assumir riscos”, mas dos países ricos. “Os cinco primeiros entre eles — EUA, Japão, Alemanha, França e Inglaterra — produzem anualmente 10 mil bilhões de dólares, um bom tema de reflexão para os sete”.

A referência aos sete feita pelo **Matin** prende-se à reunião dos sete países mais industrializados que encerram hoje, em Paris, suas negociações visando a estabelecer as cotações do dólar, em queda livre no último ano. A reunião está sendo levada num clima de grande ceticismo e, segundo a opinião de todos os especialistas, o caso do Brasil estará sendo amplamente discutido já que suas repercussões ameaçam desencadear uma crise bancária internacional, notadamente nos EUA.

Le Matin observa que a suspensão dos pagamentos pelo Brasil, “além de seu caráter subversivo para a comunidade financeira internacional, revela as falhas

da gestão combinada do problema da dívida do mundo em desenvolvimento, para não falar de sua falência”.

Depois da resolução *in extremis* da crise mexicana em agosto de 82, lembra o matutino, passou-se a adotar a prática de sentar em volta de uma mesa todos os participantes do drama — os países devedores, os bancos, o FMI e o Banco Mundial. “Esperam-se gerir o que durante tempo demais foi considerado como uma crise passageira. Geri-la a golpes de adiamento de prazos de pagamento e de dinheiro novo, esperando que o tremendo potencial dos novos países industrializados produzisse riquezas suficientes para fazê-los flutuar novamente”.

Mesmo os EUA, lembra o jornal, acabaram concordando com a necessidade de fazer concessões: os países endividados restaurariam condições de crescimento estável, os bancos privados dariam novos empréstimos e o Fundo Monetário Internacional não imporá uma austeridade excessiva para preservar as oportunidades de um desenvolvimento mínimo para populações já deserdadas.

“Só que — *voilà* — as belas idéias contidas no plano do secretário do Tesouro americano James Baker esbarraram na realidade: os bancos comerciais são empresas privadas destinadas a dar lucros e não podem ser forçados a assumir riscos.”

O ultraconservador **Le Figaro**, por seu lado, não dedicou ontem uma linha sequer ao caso brasileiro. **La Tribune de L'économie**, um tablóide econômico, também destacou a suspensão dos paga-

mentos da dívida brasileira sob o título: **Crise de confiança no Brasil**. O jornal lembra que caso em três meses o Brasil e os bancos não cheguem a um acordo o país se verá privado de cerca de 15 bilhões de dólares em linhas de crédito que utiliza para financiar seu comércio exterior. Tal dinheiro faz parte dos antigos projetos três e quatro da renegociação de 82, entre cinco e seis bilhões de dólares de linhas de crédito interbancário e cerca de 9 bilhões de créditos comerciais.

Sem esses recursos a economia brasileira não estaria mais em condições de importar os insumos básicos de que necessita para manter a indústria funcionando e, paralelamente, suas exportações sofreriam um grande impacto.

Le Monde, em matéria de seu correspondente, afirma que o governo encontrou um consenso político ao decretar a moratória parcial e observa que os políticos até aqui sublinharam os méritos da medida, evitando durante a maior parte do tempo de explicar os seus inconvenientes. Questionados pelo jornal, os partidários da suspensão de pagamentos têm afirmado que o Brasil é grande demais e poderá resistir a todas as pressões.

Liberation, também dedica uma extensa matéria à decisão brasileira e até nos noticiários de TV a moratória parcial vem acompanhando as especulações sobre a reunião dos sete mais ricos, invariavelmente ilustradas com cenas de supermercados vazios, pátios de indústrias cheias de carros, filas e as favelas.